

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ISABELLI ARAÚJO MUNITOR

**OTTO MARIA CARPEAUX E O INÍCIO DA LITERATURA OCIDENTAL: UMA VISÃO
SOBRE OS GREGOS**

Sant'Ana do Livramento

2023

ISABELLI ARAÚJO MUNITOR

**OTTO MARIA CARPEAUX E O INÍCIO DA LITERATURA OCIDENTAL: UMA VISÃO
SOBRE OS GREGOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras -
Português da Universidade Federal do
Pampa, polo Sant'Ana do Livramento,
como requisito parcial para obtenção do
Título de Licenciada em Letras -
Português.

Orientadora: Lisiane Inchauspe de Oliveira

Sant'Ana do Livramento

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M966o Munitor, Isabelli Araújo

Otto Maria Carpeaux e o início da literatura
ocidental: uma visão sobre os gregos / Isabelli Araújo
Munitor.

31 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2023.

"Orientação: Lisiane Inchauspe de Oliveira".

1. Literatura grega. 2. Otto Maria Carpeaux. 3.
Literatura ocidental. I. Título.

ISABELLI ARAUJO MUNITOR

OTTO MARIA CARPEAUX E O INÍCIO DA LITERATURA OCIDENTAL: UMA VISÃO SOBRE OS GREGOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras EAD Institucional da Universidade Federal do Pampa, como requisito para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em: 15 de dezembro de 2023.

Banca examinadora:

Profª Ma. Lisiane Inchauspe de Oliveira
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profª Ma. Carla Alves Lima
(Secretaria de Educação RS)

Profª Mª Daiane Ventorini Pohlmann Michelotti
(UFSM/Secretaria de Educação São Gabriel)



Assinado eletronicamente por **LISIANE INCHAUSPE DE OLIVEIRA, Secretário(a) Executivo(a)**, em 20/12/2023, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Carla Alves Lima, Usuário Externo**, em 02/01/2024, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Daiane Ventorini Pohlmann Michelotti, Usuário Externo**, em 23/01/2024, às 09:44, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1332655** e o código CRC **585305CC**.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DA LITERATURA	9
2.1 Otto Maria Carpeaux: uma vida por trás do grande crítico	9
2.2 Otto Maria Carpeaux: um legado para a posteridade	11
2.1.1 Otto Maria Carpeaux, um fenômeno paradoxal: impossível esquematizar sua imagem	11
2.2.2 Carpeaux e a missão de sua vida	13
2.3 Por que gregos e não outros	14
2.3.1 Como viviam e estudavam os Gregos	16
2.4 A importância da literatura.....	17
2.4.1 Como se divide a literatura grega	18
3 METODOLOGIA	19
4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

OTTO MARIA CARPEAUX E O INÍCIO DA LITERATURA OCIDENTAL: UMA VISÃO SOBRE OS GREGOS

Isabelli Araújo Munitor¹

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar a vida e obra de Otto Maria Carpeaux, em seu livro História da literatura ocidental, bem como sua dedicação na escrita dos pormenores a respeito da literatura grega e de seus mais importantes autores, em sua obra História da Literatura Ocidental. Com referencial teórico formado pelas estudos de Olavo de Carvalho (1999), Clístenes Hafner (2020), Eric Voegelin (2009) e Werner Jaeger (1994), registramos a importância desse autor, sua vida e obra, bem como suas considerações acerca da construção da literatura grega. Desde o início, com Homero, até o final, com Plutarco, Carpeaux passa por vários pontos polêmicos, traz as conclusões seguindo uma linha sucessiva; quando parece que ele está contando sua opinião acerca de uma informação, logo descobrimos que apenas contou a título de "curiosidade", para contextualização, porque a opinião dele estará logo abaixo, com uma informação mais atualizada e segura. Ao final, depois de analisarmos as informações e a forma como Carpeaux descreve cada período, concluímos que ele teve a capacidade, originalmente, de engendrar todos os acontecimentos históricos em um único fio sucessivo, sem truncar a história para iniciar o novo período ou introduzir um novo autor e passar para a próxima fase da história. Percebemos também que todos os autores estão interligados, que todos os pensamentos e filosofias, que serviram de base para as inspirações, são consequências uma das outras, e que a riqueza com que Carpeaux fala acerca de todas as nuances de cada período e autor, fazem-na uma das obras mais completas no que se refere à história da literatura.

Palavras-Chave: Literatura grega, Otto Maria Carpeaux, Literatura ocidental.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the life and work of Otto Maria Carpeaux in his book History of Western Literature, as well as his dedication to detailing the literature of Greece and its most important authors in his work History of Western Literature. With a theoretical framework based on the studies of Olavo de Carvalho (1999), Clístenes Hafner (2020), Eric Voegelin (2009), and Werner Jaeger (1994), we highlight the importance of this author, his life, and his work, as well as his considerations about the construction of Greek literature. From the beginning, with Homer, to the end, with Plutarch, Carpeaux navigates through various controversial points, drawing conclusions in a successive manner. When it seems like he is expressing his opinion about certain information, we soon discover that he has presented it as a "curiosity" for contextualization, as his opinion will follow shortly below, accompanied by more updated and secure information. In the end, after analyzing the information and the way Carpeaux describes each period, we conclude that he had the original ability to

¹ Acadêmica do Curso de Letras - Português, da Universidade Federal do Pampa - *Campus* Jaguarão, Polo Sant'Ana do Livramento. E-mail: isabellimunitor.aluno@unipampa.edu.br

weave all historical events into a single successive thread without truncating the story to begin a new period or introduce a new author and move on to the next phase of history. We also realize that all authors are interconnected, and all thoughts and philosophies that served as the basis for inspiration are consequences of each other. The richness with which Carpeaux speaks about all the nuances of each period and author makes it one of the most comprehensive works in the history of literature.

Keywords: Greek literature, Otto Maria Carpeaux, Western literature.

1 INTRODUÇÃO

A literatura ocidental teve seu início em Homero e, de lá para cá, tudo o que foi produzido na literatura ocidental com relevância histórica - no sentido que Jaeger (1994) atribui ao termo -, está usando como base aspectos da literatura grega e, principalmente, de Homero. Essa base inicial literária pode nos revelar muitas informações acerca das demais obras de literatura ocidental, bem como conhecer os meandros das criações gregas e seus porquês preenche os espaços vazios causados pela nossa falta de conhecimento da própria história. Nesse sentido, perpassar pelos detalhes da literatura grega a partir da visão de um crítico literário brasileiro, nos fornece informações importantes também sobre como nós brasileiros enxergávamos esse período da história, no passado.

Tudo isso enriquece nosso saber e aumenta nosso criticismo ao nos depararmos com tantas informações desconexas e autores dispersos. Unificar essas duas informações importantes, a saber: os conceitos pormenorizados das criações gregas e a visão de um crítico literário do passado, nos fornece um importante ponto de partida no sentido de sabermos onde estamos e qual é o status quaestionis em termos de literatura.

Para isso, iniciamos, no item 2, com uma breve contextualização do autor escolhido, Otto Maria Carpeaux, contando aspectos relevantes de sua biografia. Partimos para uma descrição histórica, pautada em Jaeger (1994) e Voegelin (2009), Marrou (1973), em que pudemos obter informações detalhadas da época, informações sobre a importância da época, bem como por que a escolhemos e, depois, descobrimos como era o contexto de estudos e de crescimento intelectual daquelas pessoas. Já no item 4, discutimos, com Fernandes (2020) questões acerca da literatura, sua importância e seus usos, além de encontrarmos uma definição inicial de como a literatura grega é dividida e quais são os períodos que conhecemos hoje.

No item 5, entramos, de fato, na análise de Carpeaux e, depois, chegamos nas considerações finais.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Otto Maria Carpeaux: uma vida por trás do grande crítico

O vienense que, aos 39 anos, chegou ao Brasil e realizou uma obra gigantesca como crítico literário, Otto Maria Carpeaux, naturalizou-se Brasileiro e aprendeu o português apenas lendo a língua, em idade avançada, dando provas de sua genialidade. Veio fugindo do autoritarismo nazista, e acabou enfrentando mais uma série de autoritarismo Brasileiro, mas decidiu então ficar e lutar; depois de muita produção literária, jornalística e histórica, Carpeaux dedicou seu talento e sua genialidade à luta política, ao enfrentamento e à libertação do povo brasileiro.

Carpeaux não era dado a entrevistas biográficas, pelo contrário, nas entrevistas que concedeu, muito pouco falou acerca de sua vida, seus motivos, intenções e afins, considerava tais informações questões de foro íntimo e deixou isso bem claro, em uma entrevista concedida a Sebastião Uchoa Leite e Luiz Costa Lima, publicada na revista "José", em 1 de junho de 1976. Entretanto, em tais entrevistas, Carpeaux preferia tratar de questões mais profundas, questões acerca de sua obra, de seus escritos, isto é, de sua produção literária. Carpeaux comentou que veio ao Brasil em uma época onde não haviam universidades aqui ainda, mas que não notou muita diferença em relação ao contexto intelectual da Europa, principalmente no Rio de Janeiro, por lá ser uma cidade bastante europeizada, onde, mesmo que se falasse o português, a linguagem utilizada era a mesma e, portanto, Carpeaux relatou que a diferença era menor do que se poderia esperar.

Da vida de Carpeaux até sua chegada no Brasil não nos restam informações profundas, apenas o básico, justamente porque Carpeaux não gostava de conceder tais informações; sabemos que nasceu junto do século 1900, em nove de março, em Viena, filho de Max Karpfen e Gisela Schmelz Karpfen. Em 1921 sua família perdeu todos os bens para a inflação e Carpeaux iniciou os estudos em Física e Química e Matemática. Já em 1925, doutorou-se em Ciências Naturais, na Universidade de Viena, com a tese Sobre a Hipouricemia e, nesse mesmo ano, começou a trabalhar no jornalismo. Cinco anos depois, casou-se com Helene Silberherz e iniciou no

jornalismo independente para *Neue Freie Presse*, *Erfüllung*, *Reichpost* e *Berichte für Kultur- und Zeitgeschichte*. Já em 1932, converteu-se ao catolicismo, passando a incluir “Maria” em seu nome, por devoção, e colaborou em uma revista católica sob o pseudônimo Otto Maria Fidelis. Ainda em Viena, Carpeaux exercia alto cargo no governo local e já havia publicado alguns livros, entre os quais estão *O caminho para Roma*, *Aventura e vitória do espírito*, em 1934, e *A missão europeia da Áustria Um panorama da política exterior*, em 1935. Sofrendo com a ascensão de Hitler e a anexação da Áustria ao território nazista, viu-se obrigado a fugir para Antuérpia, na Bélgica, em 1938, onde publicou, em língua holandesa, um livro sob o pseudônimo “Dr. Leopold Wiessinger”, *Dos Habsburgos a Hitler*, e atuou como jornalista na *Gazet van Antwerpen* durante algum tempo.

Carpeaux sempre esteve disponível para conversar sobre suas obras e esclarecer quaisquer dúvidas. Chegou ao Brasil em agosto de 1939 e, primeiro, esteve no Paraná, depois, em São Paulo, até seu derradeiro encontro com Álvaro Lins, em março de 1941, no Rio de Janeiro, por meio de uma carta, quando Carpeaux comentou um artigo (Fernandes, 2008). Até esse encontro, Carpeaux sobrevivia no Brasil vendendo parte de sua biblioteca, ao menos duzentas obras, as quais conseguiu resgatar de Viena através de um amigo americano, que ainda desfrutava de certo privilégio com o governo nazista, por conta de sua nacionalidade.

A introdução na intelectualidade brasileira deu-se nos anos 1942, quando Carpeaux iniciou sua produção na imprensa e publicou seu livro de ensaios *A cinza do Purgatório*, além de começar a dirigir a Biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia. Ao longo de sua vida, que findou em 1978 em decorrência de distúrbios cardíacos e outros problemas de saúde, Carpeaux contribuiu imensamente com um grande número de publicações, debates, oposições, ensaios e toda sorte de produção intelectual, as quais alargaram os horizontes brasileiros. *A História da Literatura Ocidental*, livro que usaremos como matéria de pesquisa nesse ensaio, foi escrito de janeiro de 1942 até novembro de 1945, enquanto Carpeaux exercia o cargo de bibliotecário, e teve suas cinco mil laudas datilografadas pela esposa de Carpeaux, Dona Helena (Fernandes, 2008). Entretanto, foi revista somente dez anos depois e teve sua primeira publicação, em oito volumes, realizada pela editora O Cruzeiro, entre 1959 e 1966. Além dessa, contou com uma segunda edição corrigida, pela editora Alhambra, entre 1978 e 1982 (Theobald, 2018).

2.2 Otto Maria Carpeaux: um legado para a posteridade

Já sobre sua vida no Brasil, podemos ter alguns relances mais objetivos, embora não tenham sido feitas muitas publicações a esse respeito, isto é, pesquisas que definam seu perfil intelectual e o seu lugar na história da crítica brasileira e mundial (Carvalho, 1999). Para Olavo de Carvalho, que escreveu um ensaio bastante vasto sobre a obra e a vida de Carpeaux (Fernandes, 2008), na introdução do livro *Ensaio Reunidos*, falta um olhar abrangente, que seja capaz de perceber todas as nuances a que era dado Carpeaux. Na visão de Carvalho, Carpeaux foi um herói nacional, justamente porque conseguiu abrir os olhos brasileiros para o horizonte da moderna cultura europeia e porque fora um dos primeiros e únicos a opor-se à ditadura militar, devido ao seu temperamento colérico e à sua essência de polemista, chegou a ser preso pelo governo, em 1969, para interrogatório e foi solto horas depois, mas foi processado, em 1970, na Auditoria da 5ª Região Militar, baseado no inquérito de 1967.

2.1.1 Otto Maria Carpeaux, um fenômeno paradoxal: impossível esquematizar sua imagem

Para João Antonio de Paula, Carpeaux viveu uma metamorfose aquando da sua chegada no Brasil, tendo em vista que, na Áustria, trabalhara para um governo de direita e estivera sempre batendo de frente com o partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, bem como por ser um cristão devoto e ter como personagens de eleição o Apóstolo São Paulo, Santo Agostinho e Pascal. Ao chegar aqui, entretanto, com o início da ditadura militar, desenvolveu uma grande oposição ao regime, tendo encontrado resistência nos núcleos marxistas, sendo criticado por Jorge Amado (Paula, 2014).

Entretanto, como nos mostra Carvalho, Carpeaux não era uma figura plana e retilínea e sua coerência não estava no rés-do-chão, é preciso ir mais profundamente, adentrar nos castelos interiores da mente de um grande pensador, como o fora Carpeaux, para que possamos interpelar suas incongruências (Carvalho, 1999). Além do mais, Carvalho também nos chama a atenção para um fato: o mundo não é uma luta, um ringue onde os oponentes estão incontestavelmente definidos; a vida é anárquica e assim eram os pensamentos de Carpeaux, muito embora Carvalho admita

que Carpeaux contaminou-se um pouco com a mesquinhez do imediatismo na política brasileira. Como dissemos, planificar, esquematizar e sistematizar um homem da envergadura de Carpeaux é um erro crasso, é limitá-lo às nossas próprias condições e a presente obra traz o estudo de sua visão justamente para que nos habituemos ao inverso, para que compreendamos as possibilidades da vida humana que estão ainda fora do nosso escopo de experiências. Se para nós é impossível que um homem tenha sido oposição à ditadura militar mesmo sem ter se tornado um marxista, Carpeaux nos mostra que jamais alterou as raízes dos seus pensamentos libertários e antirrevolucionários. Além do mais, Carvalho ressalta que tais incongruências não necessariamente estavam aparecendo devido a uma conversão ao marxismo, mas por causa justamente do sentimento cristão que o fez até procurar uma “utopia cristã” na guerra civil espanhola.

Acontece que precisamos ver o que o próprio Carpeaux pensava acerca do marxismo, em Tradição e Tradicionalismo ele nos dá uma amostra um tanto amarga, mas que o próprio Carvalho não nos deixa de apresentar e nós também não deixaremos de trazer:

Há uma grande verdade histórica no marxismo, há uma grande verdade humana na psicanálise, e há mesmo uma verdade antropológica incontestável no racismo. Mas o que existe de essencial nessas grandes heresias do nosso tempo é o passivismo fatalista que lhes é comum: a convicção da inevitabilidade do destino econômico, do destino subconsciente, do destino racial. Não é por um acaso que essas 'escolas' tendem a estabelecer Inquisições mais 'ortodoxas' e mais intolerantes do que qualquer Inquisição que tenha tentado suplantar a consciência humana. E essa tentativa é característica das falsas tradições (Carpeaux, 1999, p. 20).

Com isso, fica-nos claro que as bases de Carpeaux nunca se alteraram; que seu platonismo e agostinismo continuaram vivos e que as aparentes contradições externas eram apenas a própria limitação dos leitores desacostumados com toda a complexidade da experiência humana. Carpeaux continuou, ao escrever sobre Marx, a compará-lo com Weber e favorecer este em detrimento daquele, continuou tendo como inspiração Corce, Burckhardt, Rivarol ou Joseph de Maistre, os quais seguem fortemente atuando sobre a consciência dele até o fim, embora seja nítido que nele havia certos elementos da rebeldia espanhola de que trata Orega y Gasset.

O que fica claro é que Carpeaux estava sempre disposto a combater todo o tipo de opressão, todo o tipo de autoritarismo e jamais deixou que a possibilidade de ser

enquadrado em quaisquer correntes heréticas, como ele mesmo chama o marxismo, o barrasse da sua missão e interferisse naquilo que ele considerava a própria vocação.

2.2.2 Carpeaux e a missão de sua vida

Desde o início de sua vida, ainda em Viena, Carpeaux sempre teve inclinação para os debates políticos, para a vida política em geral, e ele nunca conseguiu ficar alheio àqueles problemas que perpassavam sua vida e o infundiam a maior força motriz de sua existência. É como se o chamado de sua vida fosse usar todo seu talento para contribuir com a vida pública do país onde vive.

É, portanto, que Carpeaux abandonou sua escrita literária, a crítica literária no geral e debruçou-se apenas nos imediatismos da vida política brasileira, publicando furiosos editoriais contra o governo e é assim que iniciou sua fama no mundo acadêmico, porque as universidades transformaram-se em um núcleo de resistência contra o governo (Carvalho, 1999).

A partir de 1968, Carpeaux abandonou a crítica literária, saiu do jornal O Correio da Manhã, por divergências com a direção, e passou a publicar seus editoriais contra o governo a partir de pequenos jornais alternativos, o que constituiu, para Carvalho a decadência da obra de Carpeaux (Carvalho, 1999). Ainda pela ótica de Carvalho, os anos mais brilhantes da publicação de Carpeaux foram entre 1939 e 1964, mais especificamente entre 1941 e 1945, por ter ele, nesse período, redigido a sua obra máxima, a História da Literatura Ocidental, bem como outros ensaios dos mais profundos e com temas importantes e universais, quando ainda não tinha tanta popularidade, como adquiriu no último período de sua vida, quando decidiu priorizar a luta política, mas tinha o que era necessário para deixar sua marca para sempre na humanidade (Carvalho, 1999).

O primeiro editorial contra o governo, publicado por Carpeaux, saiu na imprensa no dia 31 de março de 1964, nomeado basta!, seguido pelo segundo editorial, o fora!, que fora publicado 1 de abril de 1964, ambos ainda no O Correio da Manhã. Entretanto, não é possível atribuir a autoria deles exclusivamente a Carpeaux, tendo em vista que tais editoriais foram exaustivamente discutidos entre Carpeaux, Carlos Heitor Cony e Edmundo Moniz (Silva, 2018). Ainda, de acordo com Silva, tais editoriais, incluindo ainda um terceiro, publicado no dia 3 de abril de 1964, intitulado Terrorismo, não!, acabaram caindo na ilegalidade, tendo em vista a grande

propaganda do governo, através dos jornais mais importantes, em tentar transformar os atos repressivos em instrumentos democráticos e legais, portanto, ao ir de encontro e permanecer tão distante do posicionamento dos demais jornais e ainda com editoriais tão ácidos, o Correio da Manhã acabou escolhendo um caminho complicado e ilegal; evidentemente que Carpeaux, Cony e Moniz ficaram também nessa posição complicada perante o governo (Silva, 2018).

Carpeaux, um legítimo antirrevolucionário, como vimos, seguiu assinando sua coluna no Correio da Manhã, uma coluna que tratava de temas internacionais, entretanto, como a missão de sua vida era a luta contra a opressão, fez uso de paralelismos, justaposição e contraposição, usando exemplos internacionais para provar que toda e qualquer revolução é ilegítima e por isso não era possível calar diante da investida militar no Brasil. Em seus editoriais, Carpeaux fez uso de uma linguagem chamada esópica, linguagem esta usada, principalmente, em épocas onde a censura predomina e o uso de analogias e figuras de linguagem se faz necessário. Com isso, conseguiu bastante influência entre os jovens universitários e fez sucesso nesse meio.

Entretanto, como Carvalho, nós também acreditamos que esse período, que para Carpeaux era a missão de sua vida, não chegou no grau elevado de importância de toda a produção intelectual produzida anteriormente e usaremos a obra máxima de Carpeaux para trazer uma luz sobre o período grego da literatura. E, para tanto, vamos descobrir brevemente o que foi esse período e como se desenvolveu, na visão de alguns historiadores, para que possamos entender um pouco daquilo que entendia Carpeaux, quando percebeu a história da literatura ocidental.

2.3 Por que gregos e não outros

Não é por favoritismo, eurocentrismo ou qualquer outra questão trivial que Carpeaux começou a sua pesquisa da história da literatura ocidental pelos gregos; é porque os gregos foram, realmente, os primeiros a realizar a transposição do espírito guerreiro para os livros e os primeiros a cultivar a inteligência (Marrou, 1973, p. 7). Foi com a *Ilíada* de Homero que essa transposição gradual teve início, muito embora, naquele tempo, ela fosse cantada e recitada muito mais do que lida, porém demonstra que o espírito guerreiro, próprio daquelas civilizações, estava sendo transferido para

uma produção literária que, muito em breve, faria das civilizações gregas as primeiras a cultivarem esse tipo de fenômeno.

A história da Grécia clássica se estende, de maneira paralela, por um período quase igual à história de Israel, com o êxodo de Abraão, saindo da Ur dos caldeus, isto é, aproximadamente mil anos antes da civilização Helênica propriamente dita.

Foi a partir do século IX a.C. que uma nova Grécia passou a existir, justamente quando os "filhos de Iavã" se tornaram vizinhos dos "filhos de Ashkenaz", área de fronteira essa que foi palco das epopeias homéricas (Voegelin, 2012). Apesar do povo de Israel ter uma tradição oral e uma inclinação para a intelectualidade, nós herdamos toda essa tradição da Grécia, porque, através de Roma, nos chegou, com o desenrolar da história, a cultura grega. E, então, apesar de Roma ter conquistado a Grécia, a Grécia também conquistou Roma, impondo sua cultura e impregnando as estruturas educacionais romanas com a já tão consolidada arte pedagógica grega (Marrou, 1973).

Além do mais, precisamos compreender exatamente o que significa a palavra "história" para que possamos usá-la aqui, compreendendo exatamente o que queremos dizer. Se formos compreender história como um simples desenrolar dos fatos, não poderemos entender como tudo começa na Grécia. Agora, se compreendermos a história num sentido mais profundo, a perceberemos como uma união espiritual viva e ativa, bem como uma comunidade de somente um destino. É nesse sentido de história que pode existir uma comunidade de ideias e de formas sociais e espirituais. Essa comunidade existe na totalidade dos povos ocidentais e é por isso que não podemos falar dessa história da literatura ocidental e começar por outros povos, que apesar de participarem da história geral da humanidade, não participam da história ocidental, dessa maneira profunda e interligada, participando das mesmas aspirações e concepções de mundo, isto é, tivemos nosso destino traçado por essa antiguidade, que chamamos clássica (Jaeger, 1994). Portanto, Carpeaux não teria motivos para não começar sua história da literatura ocidental pelos gregos; nós não teríamos, também, outro motivo para não escrevermos sobre esse período da literatura ocidental, como que certos de toda a importância dele. Foi de Homero que surgiu Virgílio, que surgiu Dante, que surgiu Camões, dos quais muitos outros também surgiram. A importância das epopeias homéricas e de toda cultura grega impregnada nelas já é tema fora de discussão, basta-nos entender como ocorreu esse florescimento de tão elevada cultura.

2.3.1 Como viviam e estudavam os Gregos

Quando olhamos para a história da Grécia, podemos nos apoiar no que diz Jaeger, em seu livro *Paideia*: "todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação". Então, assim surge esse florescimento grego, de maneira natural e gradual, com o intuito de formar-lhe a natureza física, elevar-lhe as qualidades e as capacidades.

Marrou começa a contar a história da educação grega a partir de Homero. Para ele, é impossível partir de outro ponto. Ele descreve esse período como muito similar ao período pré-feudalismo carolíngio, justamente porque a ordem vigente era muito semelhante, isto é, o rei cercado de uma aristocracia de guerreiros, uma corte com grandes vassallos e homens idosos cheios de cultura e sabedoria, para servirem na assessoria jurídica, bem como os fiéis, jovens guerreiros, que formam a classe nobre. A educação nesta época era, então, um privilégio dessa aristocracia de guerreiros, pois eles precisavam participar das cerimônias, servindo à mesa nos festins reais, além dos jogos, livres e espontâneos, que faziam parte do cotidiano da vida destes jovens (Marrou, 1973).

Depois desse período cavaleiresco, nos surge Homero, como educador da Grécia, tal qual nos fala Platão, na *República*. As epopeias homéricas eram como um manual ético e um tratado do ideal, para aqueles jovens aristocratas. As epopeias concediam uma noção de transcendência e glória futura para a vida terrestre tão curta, por isso mesmo que Homero adquire um papel educativo; um adestramento da alma para as circunstâncias da vida (Marrou, 1973).

Não podemos deixar de mencionar o segredo da pedagogia de Homero: o exemplo heroico. O que não significa que eram jovens guerreiros ao estilo bárbaro, muito pelo contrário. Eram muito polidos, com um refinamento notável de atitudes: amáveis inclusive com os adversários nas lutas de boxe, sempre a erguerem os que perdiam; bem como uma grande delicadeza de atitudes para com as mulheres, Marrou destaca um episódio onde o velho Laertes privou-se de certa atitude para não despertar o ciúmes de sua esposa.

2.4 A importância da literatura

Agora que já sabemos por qual motivo a literatura grega serviu-nos de berço, passamos a conhecer a importância da literatura mesma, para darmos continuidade ao nosso trabalho.

A literatura simboliza a realidade e exprime aquilo que não aconteceu, é como um sonho acordado e dirigido, é uma experiência onírica importante para o desenvolvimento humano. Como falamos, a literatura exprime coisas que não aconteceram e acrescentamos agora: coisas que não acontecem e coisas que não acontecerão. Em qual aspecto tais coisas não acontecem ou acontecerão, se elas, ao mesmo tempo, são também parte da realidade, é o que constitui a importância da literatura, porque essas coisas exprimidas são experiências reais, que existem na realidade, mas podem nunca acontecer a um determinado homem específico, seja como for, por causa dos mais variados motivos.

Para tornar claro, podemos usar uma personagem de Liev Tolstoy, no livro *Anna Karenina*, que amava muito uma moça e a pediu em casamento, mesmo em meio a tanta vergonha e descrença; foi rejeitado, trocado por um pretendente mais jovem, mais bonito e bem sucedido que, logo depois, também a trocou por outra mais bonita e experiente. A personagem em questão levou algum tempo para superar e, tendo a moça sofrido a mesma coisa e permanecido disponível, parentes e amigos insistiam para que ele a pedisse em casamento outra vez. A personagem demonstrava muita relutância e conflitos internos, mas ninguém compreendia o que ocorria, tendo em vista que o primeiro pedido fora um segredo a todos. Pois, quantos de nós, em 2023, poderemos passar por essa experiência pessoalmente? É possível que jamais vivamos algo assim, mas é através de Tolstoy que podemos experienciar esse acontecimento, aprender com ele e sentir o que poderíamos ter sentido, caso tivéssemos realmente vivido a situação.

Um outro exemplo é a história de Bentinho, personagem de Machado de Assis. Enquanto muitos leitores perdem tempo discutindo se houve ou não traição por parte de Capitu, perdem o principal da história: viver como um ciumento contumaz, que joga fora a vida, seus amores e alegrias, para desconfiar e se enciumar por completo. A experiência de Bentinho não é: viver com a certeza de uma traição por parte do grande amor; que Machado não conta se Capitu traiu, justamente porque ele queria transmitir outra experiência, que não a experiência de descobrir uma traição: ele queria que

vivêssemos a experiência de um grande desconfiado, de um ciumento inveterado, que não tem certeza de nada absolutamente, mas cria tais certezas em sua própria mente e materializa suas confabulações, matando todo amor que havia. A dúvida que permanece em todos, a respeito da possível traição de Capitu, é a experiência que Bentinho vivia e é a experiência que Machado desejava que vivêssemos.

Além disso, a literatura também nos proporciona experiências que já não são mais possíveis tendo em vista o andar dos séculos e os avanços tecnológicos, as mudanças nas leis, a mudança no espírito da sociedade. Jamais poderíamos ir para a Sibéria, como a personagem de Dostoyevsky, em *Recordações da Casa dos Mortos*; nem tampouco poderíamos viver em vida as conclusões e pensamentos de Ivan Ilitch; e como poderíamos, em 2023, matar alguém e viver a história do livro *Sonata a Kreutzer*?

Para conhecermos melhor a literatura, precisamos, entretanto, distinguir dois de seus aspectos e perceber tudo aquilo que ela abrange. No guia introdutório de literatura clássica grega e latina, Clístenes Hafner divide a literatura em *lato sensu* e *stricto sensu*, distinguindo a literatura imaginativa, a literatura científica e a literatura de entretenimento e informações. E aqui trazemos o foco para a literatura de imaginação, que é, com sua base sólida, aquela que proporciona um florescimento do engenho da arte, bem como serve de base para as artes do estudo (Fernandes, 2020). Existe ainda uma outra distinção, que é a classificação de certas obras como clássicas, e, assim o são, porque são consideradas universais, resistem ao teste do tempo, bem como por sua influência e excelência; aqui entra a literatura grega, denominada clássica pela sua grande envergadura e contribuição, por ter se distanciado dos demais e ter sido aceita pelo consenso geral dos críticos literários como tendo uma autoridade legítima (Fernandes, 2020).

2.4.1 Como se divide a literatura grega

Fernandes (2020) separa a literatura grega em seis períodos, a saber: mítico, heroico, áureo, alexandrino, greco-latino, bizantino. O primeiro período inicia com o estabelecimento dos pelagos, na Grécia, e vai até a destruição de Tróia. Isto é, falamos aqui dos primórdios da civilização grega, sendo a poesia sacerdotal o início do gênero poético. Esses primeiros poetas surgiram na Trácia e eram sacerdotes, músicos e legisladores; criavam suas poesias inspirados na religião e com o intuito de

cantá-las nas celebrações e cerimônias religiosas. Eram chamados de aedos ou druidas, entre os celtas e podemos listar Lino, Anfião, Orfeu e Museu, como alguns dos nomes que nos chegam ao conhecimento.

O segundo período, chamado heroico, estende-se até a legislação de Sólon e é aqui que nascem os rapsodos, na jônia, cantando as ações militares, a bravura dos heróis e inspirando o heroísmo. Como líder das poesias épicas, temos Homero, criador da *Íliada* e da *Odisseia*. Ainda nesse período, surgem as poesias didáticas, criadas por Hesíodo, com o poema *Teogonia*; e surge também a poesia lírica, que surge, aparentemente, com Arquíloco, na sátira pessoal; já a ode heroica foi cultivada principalmente por Calino e Tirteu; a elegíaca, por Mimnermo; a erótica, por Alceu e por Sapho. Depois, a educação moral do povo deu-se por meio da poesia gnômica, sendo o legislador Sólon o primeiro poeta a instruir o povo por meio da arte das curtas máximas morais.

Entre os demais modelos que foram surgindo ao longo dos demais períodos estão: o lírico e o dramático, sendo Píndaro como o mais influente de todos os poetas deste gênero; então surgiram as tragédias, principalmente com Ésquilo; as comédias, principalmente com Aristófanes; e finalmente com Menandro, que fora esta última imitada pelos romanos e as demais nações (Fernandes, 2020).

3 METODOLOGIA

Neste trabalho, realizamos, quanto à abordagem, uma pesquisa qualitativa, com a intenção de descobrir como se deu o processo de criação da literatura Grega, bem como trazer novas informações acerca desse processo. Para tanto, focamos em descobrir as crenças, valores, aspirações e atitudes daqueles autores e daquele período, sem contudo, pretender abarcar a totalidade do objeto estudado. Indo além, no que se refere à natureza da pesquisa, é possível classificá-la como básica, pois aqui buscamos estabelecer as verdades universais por trás do processo de criação da literatura Grega, sem, contudo, promover qualquer aplicação prática dos conhecimentos e conclusões obtidos.

Quando chegamos ao problema levantado, a saber, a falta de conhecimento tanto sobre a literatura Grega, quanto sobre a visão que tínhamos dela no passado, aqui buscamos trazer à tona e tornar mais explícito tal questão; sendo assim, quanto ao objetivo, nossa pesquisa adquire um caráter exploratório. Já, quanto aos

procedimentos, fica evidente que realizamos uma pesquisa bibliográfica, em que realizamos um levantamento com um robusto referencial teórico, acerca da visão e compreensão de diferentes autores, a respeito do nosso objeto subjetivo, que não chega a ser uma ideologia, mas é um verdadeiro ponto de vista.

4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Assim como a história da literatura ocidental inicia nos gregos, a história da literatura grega inicia em Homero e Otto Maria Carpeaux seguiu essa linha, ao iniciar o livro por esta personagem ilustre no tema em que nos propomos a tratar. Carpeaux disse, quando iniciou um parágrafo na página 52, que "Homero é o próprio mundo grego" e não é sem razão.

Antes de mais nada, Carpeaux gastou um tempo discorrendo sobre a questão que, por muito tempo, intrigou o mundo dos críticos literários e historiadores, a saber: teria sido Homero o escritor da *Ilíada* e da *Odisseia*? A esse respeito, Carpeaux tratou quase que de maneira imparcial, pelo menos no início, trazendo as informações históricas acerca das certezas e conclusões às quais chegaram os grandes críticos, durante os anos; por fim, Carpeaux nos disse qual é a sua asserção sobre o tema. Isto é, que apesar das dúvidas suscitadas na antiguidade, em função das contradições e das diferenças de estilo, a ideia de que a *Ilíada* e a *Odisseia* tenham sido escritas por vários autores não se sustenta mais a partir da análise de Jaeger; para Carpeaux, a *Odisseia* nada mais é do que as respostas que subsistem depois da leitura da *Ilíada*.

Tais obras são como a própria vida, como a realidade: tais quais deveriam ser. Carpeaux também comentou a respeito da função dessas obras para os gregos, o que surpreende a nós outros, modernos, que jamais chegaremos a ter a consideração que aqueles gregos tinham por tais obras, porque elas não eram usadas como mera literatura ou obra de ficção: elas eram um código irrevogável e irrefutável, que os gregos usavam em seus discursos, usavam em suas audiências, usavam para arrogar para si certa autoridade, para convencer aos demais, para chegar a uma conclusão; definitivamente uma regra de conduta ética e moral.

Carpeaux trouxe uma revisão sobre Hesíodo, contrapondo a *Teogonia* com a *Ilíada*, mostrando que Homero parecia deslocado no tempo, enquanto que Hesíodo deixa bem claro que escrevera em uma época antes de Homero, para homens primitivos e arraigados às tradições religiosas, tudo regado com muito mito e

pessimismo, o que nada tem de parecido com a Ilíada. Os trabalhos e os dias também nada tem de próximo a Homero, Carpeaux falou que é o exato oposto, inclusive, citando, na página 53, que "Hesíodo é o Homero para os proletários". Enquanto Homero trata da nobreza e da aristocracia, Hesíodo trata da criação de filhos e das normas de agricultura, como se estivesse falando apenas aos camponeses. Muito embora, claro, os antigos costumassem situar ambos como contemporâneos.

E é por Hesíodo ser esse contraponto que Carpeaux afirma que a epopeia não abrangia com totalidade todos os aspectos da vida grega. O que torna tudo bastante interessante do ponto de vista histórico, que a literatura pode suprir: tornar conhecidos aos demais, como fora determinada época, que nenhum de nós poderá conhecer pessoalmente. Às vezes, ao lermos somente Homero, poderemos ter uma visão parcial e incorreta, mas, chegando-nos a Hesíodo, teremos uma visão menos turva e mais objetiva da realidade, daquela época, daquela vida.

Acerca da poesia lírica, Carpeaux levantou a questão: não temos muito, senão poucos fragmentos das obras de Píndaro; declarou, portanto, que os críticos jamais ousaram dar qualquer opinião acerca da personalidade dos poetas, visto não possuírem a quantidade suficiente de materiais para tal. Uma curiosidade, que Carpeaux nos trouxe, é o fato de a poesia lírica estar intimamente ligada à música, o que torna nossa compreensão ainda mais diminuta, porque não restam informações precisas acerca do quê e como era a música para os gregos.

Entretanto, temos a divisão da poesia lírica em três categorias: a poesia de coro, a elegia e a poesia lírica propriamente dita. Sendo que, a poesia de coro, nos disse Carpeaux, era acompanhada de lira e flauta e possui alguns nomes de destaque, como Terpandro, Arion, Ibico, entre outros, na construção e execução dessa arte. A elegia era considerada por Carpeaux como uma efusão lírica, melancólica e, às vezes, satírica. Disse que nós, os modernos, podemos lembrar de T.S Elliot ao lermos alguns autores líricos. Carpeaux destaca Tirteu, Safo, Teoginis, entre outros, nos nomes de destaque para a composição dessa arte.

Carpeaux trouxe a expressão "paixões violentas", como uma definição de o que os antigos julgavam ser uma boa poesia lírica, e diz que é por esse motivo que eles gostavam tanto de Alceu, por este ter um temperamento belicoso e uma poesia requintada. O ideal da poesia lírica era o sentir exacerbado e então Carpeaux nos traz a poetisa Safo, interpretada de diversas maneiras ao longo dos séculos, justamente por causa dessas paixões violentas, tão necessárias à sua época e à sua poesia.

Para Carpeaux, as poesias de Safo não sustentam nenhuma das lendas inventadas, apenas demonstram o quão grande ela fora enquanto poetisa. Já as poesias anacreônticas, as quais foram copiadas, posteriormente, pelos italianos, português, franceses, espanhóis e alemães, Carpeaux reconheceu-as como belas, apesar de descrevê-las como "sem significação humana", visto que tratavam de temas secundários ou mais baixos, como da vida hedonista e de prostitutas, tudo com muitos eufemismos para não dar lugar a indecência e cumprir os aspectos necessários para parecer bela. Entretanto, o último produto da poesia lírica grega, a poesia epigramática da anthologia graeca, Carpeaux apresentou-nos sob a imagem de objetos pequenos nas vitrinas de um museu, que contém em si muita importância, mas passam despercebidos por causa do tamanho tão ínfimo; estas não sofrem do problema de falta de significação humana, atribuído àquelas, justamente porque estas contém o resumo de uma vida, através dos epigramas eróticos, satíricos e funerários.

Um fato histórico importante para Carpeaux, é a quantidade de fragmentos dessa poesia lírica que restou para a posteridade; Carpeaux declarou que tal poesia não coaduna com a pedagogia e com o ideal grego, por isso os antigos tentaram atenuá-la com o acompanhamento musical e, principalmente, por isso que muito pouco nos resta hoje. A parte mais aceitável, que mais contribuiu com o ideal grego, de tal poesia, são as poesias de Píndaro, chamadas Epinikioi. Tais poesias eram nobres, talentosas e aristocráticas, e foi por isso que ganharam tanta notabilidade à época.

Carpeaux citou alguns autores mais modernos, os quais tentaram, inutilmente, reproduzir e imitar Píndaro, mas que falharam miseravelmente, justamente porque o talento de Píndaro, em misturar aristocracia, nobreza, solenidade e religiosidade, não pôde ser copiado. Carpeaux dedicou várias linhas a Píndaro, porque o considerava, não sem razão, o mais difícil dos autores gregos. Não temos repertório suficiente para apreender a coerência que há entre os feitos esportivos e os mitos - tanto das cidades quanto das famílias -, aos quais Píndaro une em sua rapsódia. Passamos por essa leitura e ficamos desconsolados, porque convencionalmente não são atribuídos a Píndaro quaisquer defeitos, senão aos leitores mesmos que não possuem as qualificações necessárias para compreender, por exemplo, a ordem escolhida para as palavras, a linguagem pesada, as comparações esquisitas, bem como as metáforas.

Muito embora, por tanto tempo, Píndaro fosse tratado como um poeta divinamente inspirado e inacessível, após algumas descobertas, no campo da

filologia, foi possível perceber que muitas asserções de Píndaro não são tão profundas e nem tão inspiradas quanto se supunha; para tanto, Carpeaux trouxe como exemplo um trecho onde Píndaro diz, simplesmente, que a água é saudável.

A conclusão de Carpeaux, a respeito de Píndaro, é a de que devemos nos ater ao fato de ele ser voltado à aristocracia, com um sentido religioso, onde ele canta as vitórias dos homens e apenas destes, com doses profundas de antropocentrismo, entretanto, sempre evocando a qualidade dos deuses, aos quais tais homens aristocratas devem ter como exemplos; o aristocrata chega aos jogos olímpicos como forma de elevar o corpo e transformar-se à imagem dos deuses e eis o foco principal de toda a poesia.

Entrando no âmbito do teatro grego, Carpeaux traçou um paralelo entre Píndaro, tão difícil e complicado a nós modernos, e Sófocles e Ésquilo, os quais conseguem despertar em nós sensações compreensíveis; entretanto, Carpeaux insistiu em nos dirigir pela senda correta: não somos movidos pelas mesmas paixões que os gregos antigos e o sucesso que o teatro grego adquiriu entre nós não é pelo mesmo motivo que atingiu o mesmo feito, entre os antigos.

O teatro grego foi amplamente reproduzido desde o século XIX e as personagens criadas pelos gregos também fazem parte da nossa cultura geral, desde há muito tempo. Entretanto, Carpeaux reiterou que só temos a ilusão de compreender o teatro grego, principalmente porque o teatro grego era impessoal e de cunho religioso, enquanto que as nossas adaptações foram bem mais individualizadas. As tragédias - e também as comédias, faziam parte de ritos litúrgicos do culto do Dionísio; enquanto que as nossas adaptações não passavam de meras interpretações de um enredo já fornecido e guarnecido de muitos mitos.

Outra diferença importante é a questão de estilo, enquanto que o próprio público grego deleitava-se nos discursos extensos, o público moderno preferia apenas a ação; portanto, o teatro grego era muito mais retórico e mais lírico que a reinterpretação moderna. O teatro grego era uma instituição do Estado democrático, ou seja, fornecido para todos os cidadãos, e, muito embora tenha bastantes similaridades com os nossos concertos de ópera, não podem ser paralelos, visto que estes pertencem apenas às altas classes, diferente do teatro grego para aqueles.

Como instituição do Estado, os gregos deixavam-se enleiar com a riquíssima retórica dos discursos, com o intuito de aprender a justeza de uma causa, como se nós, hoje, fôssemos assistir a uma audiência do tribunal ou uma sessão da

Assembleia. O que nos contou Carpeaux é que o teatro grego tampouco existia como forma esportiva de competição entre um e outro poeta, nem realizavam-se apresentações em série de um mesmo mito; o intuito era criar uma modificação social, reinterpretar um mito e convencer o público de que assim deveria ser a partir de então e, tendo atingido tal objetivo, a encenação encerrava-se e vencia, não o poeta, mas a poesia em si que conseguia promover mais profundamente esse convencimento e essa transformação social.

Em tempo, Carpeaux nos fez saber que essas considerações não podem obter um caráter geral do teatro grego, pois não se sabe muito a tal respeito e alguns poetas deixam em dúvida as reais intenções que possuíam ao escrever suas obras. Enquanto Sófocles parece muito mais focado no sentido religioso, Eurípedes, que é considerado já a decadência do teatro grego, parece não estar interessado em nenhum tipo de mudança, nem religiosa nem política; e, dentre os poetas, Carpeaux cita Ésquilo, como sendo o mais rico dentre todos, e o causador do apogeu do teatro grego. Ésquilo representa o teatro grego no sentido mais profundo, porque ele era de uma época onde justamente a religião e a política andavam emaranhadas, e, como dissemos anteriormente, a função do teatro grego era trazer mudanças sociais nesses dois âmbitos ao mesmo tempo; bem como, Ésquilo trata de conflitos e destinos coletivos; pela boca das personagens não falam indivíduos, são símbolos eternos da condição humana. Carpeaux também chamou atenção para a participação ambígua dos deuses nas peças de Ésquilo; ora Zeus é benevolente, ora é como um carrasco e, nesse sentido, que as peças são também um pouco complicadas de interpretar, mas tudo isso se deve a força poética mesma de Ésquilo.

Para Carpeaux, determinar a ordem cronológica dos grandes trágicos, muito embora por algum tempo acreditassem que a ordem começava em Ésquilo, passava por Sófocles e culminava em Eurípedes, Carpeaux disse que todos eram praticamente contemporâneos. E, apesar de Eurípedes não pertencer à escola político-partidária de Ésquilo, aquele era muito mais próximo deste do que Sófocles. Eurípedes também não trazia a mesma fala coletiva, por intermédio das personagens; aqui, sim, eram indivíduos. Ambos traziam dramas familiares em seus enredos, mas, para Ésquilo, tudo representava a transformação da ordem social, no intuito de transformar a lei, bárbara do passado, na religião da cidade; já Eurípedes, a partir dos enredos familiares, retrata muito mais o indivíduo e suas questões particulares, seus dramas familiares, suas dores e paixões. Eurípedes também fora considerado subversivo por

Aristófanes, porque não pretendia restabelecer uma ordem antiga ou implementar uma nova, mas apenas rebelar-se contra a ordem vigente.

O ódio de Aristófanes, entretanto, não foi bem recebido nem sequer pelos gregos, visto que todos nutriam grande simpatia por Eurípedes. Goethe e Shakespeare estão na lista dos discípulos de Eurípedes e o teatro moderno não seria o que é hoje sem toda a tragédia de Eurípedes - que muito se assemelha à de Ésquilo. Carpeaux disse que, por ser Eurípedes de uma época de transição, é quase como se ele fosse nosso contemporâneo, estava vivendo a época da democratização acelerada de Atenas. Fora um individualista; enquanto Ésquilo, coletivista.

Carpeaux, continuou descrevendo Eurípedes e adentrando nas particularidades desse dramaturgo, que era fatalista e sentimental; que cria que os homens não mereciam os sofrimentos pelos quais passavam. Eurípedes modificou o mito, engendrando as razões da psique humana, nos seus enredos. Carpeaux também trouxe uma comparação já feita entre Eurípedes e Ibsen Shaw, justamente tendo em vista ambos serem trágicos, pessimistas e, principalmente, individualistas soltos em um mundo coletivista da cultura de massas. “Um individualista como Eurípedes encontraria fatalmente oposições em todas as épocas. Mas nenhuma época lhe teria respondido como a Atenas do seu tempo – pela comédia de Aristófanes.” (Carpeaux, 2008, p. 68).

Não teríamos como deixar de trazer, na íntegra, essa citação de Carpeaux, na página 68 da obra que estamos estudando, para introduzir as particularidades de Aristófanes, deixando então de falar sobre Eurípedes. A genialidade com que Carpeaux contou, emendou, relacionou e transitou entre um autor e outro ou um período e outro é de extrema singularidade. Carpeaux chamou atenção para o fato de que, embora a essência da arte de Aristófanes não fosse a política, o conteúdo de suas comédias o foram e, na modernidade, mesmo em tempos de extrema liberdade de imprensa, não foi reproduzida em qualquer lugar, uma comédia política, como a de Aristófanes.

Aristófanes, como nos descreve Carpeaux, era um conservador e sentia-se exilado em sua própria pátria, diante de tantas mudanças e revoluções. Traz, como personagens suas, o próprio Eurípedes e também Sócrates, para ironizá-los na tentativa de barrar seus avanços, para que a própria cidade não se perca. Carpeaux desenhou muito bem o quadro para que possamos entender o contexto desse Aristófanes, que estava sempre a cantar os bons e velhos tempos, enquanto

denunciava os perigos do modernismo. Acontece que, mesmo vivendo em uma democracia totalitária, Aristófanes gozava de uma liberdade incondicional de imprensa e pôde criar a sátira mais direta e pessoal já produzida, nomeando os seus opositores, em suas peças, enquanto desmascarava-lhes escândalos da vida privada, diante de todos, em uma cidade como Atenas, onde todos conheciam uns aos outros. Mas Carpeaux nos levou ainda por uma outra senda, acrescentando que

Aristófanes era possuído de um desejo ético e, portanto, não estava a tergiversar contra os indivíduos supracitados; usava, entretanto, seus nomes, pois muito famosos que eram, para representar a miríade daqueles corruptores e perversores, que tanto odiava. Aristófanes era muito decente, apesar de sua linguagem obscena, o que coopera ainda mais com todo o peso de suas comédias. O grande problema de Aristófanes, o que ele tão intensamente quer mostrar, é a farsa do mundo, através mesmo dos mitos.

Outro grande elegíaco, que Carpeaux introduziu, é Sófocles, considerado o meio termo entre os extremos, sendo o poeta preferido dos classicistas, que tinham gosto puramente estético. Entretanto, tendo a tarefa de manter-se no meio termo se tornado impossível, deleitou-se em uma elegia suave e dolorosa, considerada a síntese perfeita, porque, em Sófocles, temos um pouco dos dois mundos supracitados: o coletivismo e o individualismo. Sófocles fora um humanista, mas, como todos os gregos, um humanista sem os dogmas.

Os dogmas não eram importantes para os gregos; estes criavam a literatura apenas com foco em "intervir na vida", antes de tentar cultivar tradições. Carpeaux comparou essa intenção com a intenção dos folclores modernos, de "criar um lugar na vida". Tudo isso permeado com a retórica, de que os gregos tanto eram afeitos. E partindo do teatro grego para a historiografia, Carpeaux começou, então, a falar-nos sobre Heródoto e suas intenções ao redigir sua obra historiográfica, toda baseada em interesses políticos. Heródoto, um céptico, resolveu ir a fundo, por puro patriotismo, nas investigações do desconhecido oriente e, assim, acabou criando muitos lugares comuns, com a sua escrita inédita, em tom de reportagem, que se preocupava unicamente em narrar fatos, sem tentar explicá-los.

Carpeaux descreve Heródoto como um Sófocles sem o lirismo e também como um relativista, pois este estava completamente deslumbrado com as novidades que descobria ao redor do mundo, fatos que pareciam invenções e lendas, mas muitos foram confirmados como verdadeiros pela etnografia histórica. Entrando nesse

período histórico da literatura grega, Tucídides, com a sua obra sobre a guerra da peloponésia, fala senão do próprio tempo e seu texto é quase uma tragédia, mesmo com o tom seco e burocrático, com que narra os acontecimentos. Carpeaux disse que Tucídides é Maquiavel do mundo antigo, porque, para ele, só a política importa, apesar de não tentar encontrar soluções para a queda de Atenas; nos contou que esta é a primeira tragédia sem os mitos, onde todas as coisas ocorrem puramente por causa da razão e da vontade humana.

Carpeaux também trouxe a filosofia grega, colada em Tucídides, porque o que os liga é essa questão política, esse ideal político, que a filosofia retórica de Sócrates e dos sofistas tanto buscou criar. Carpeaux diz que com Platão os mitos são trazidos de volta ao palco e separa as obras de Platão em: obras com diálogos polêmicos, obras um tanto literárias, obras um tanto comediográficas e obras com o programa da academia socrática.

Carpeaux tratou as obras de Platão não, primordialmente, como obras de filosofia, mas poesia, de caráter dogmático e ambíguo. Platão não fora conhecido, antigamente, como filósofo propriamente dito, mas como criador de mitos, especulador das verdades contidas na realidade, o que, posteriormente, foi se constatando e, por isso, Platão foi adquirindo o reconhecimento que tem hoje, mas a ação filosófica de Platão foi indireta e foi por meio de Aristóteles, porque foi quem destrinchou os mitos de Platão e então passou a desenvolver uma filosofia racional a partir disso. Carpeaux não incluiu Aristóteles em sua obra, porque não restaram quaisquer obras literárias, somente os rascunhos e as anotações de aulas.

Entretanto, afirmou que Platão era mais poeta do que filósofo e desafiou o senso comum a afirmar que Platão era necessariamente um retórico. Nesse ponto, Carpeaux trouxe ainda os opositores de Platão, a princípio Lísias, um orador forense, que nos proporciona, através de seus discursos, um grande estudo psicológico, entretanto, sendo Lísias dono de uma retórica muito simples e clara, é considerado menos eloquente do que Isócrates, com seus discursos brilhantemente elaborados em favor da paz e do patriotismo. Demóstenes chega então como a junção de Lísias e Isócrates, pois junta a simplicidade de Lísias, no intuito de arrebanhar as massas, sem abandonar a grande eloquência e o estilo controverso; muito condenado que fora, Demóstenes era considerado um reacionário, por ir contra a unificação da Grécia e Carpeaux salientou a necessidade de conhecer detalhes da língua grega para poder

apreciar o estilo de Demóstenes, porque, sobretudo, este tem um alto teor político em seus discursos.

Para Carpeaux este é o fim da retórica grega, a saber, a morte de Demóstenes. Depois dele, nada mais de significativo se fez, a Grécia já não era mais o centro do mundo e, os homens que continuaram percorrendo esse percurso, não passavam de embustes e agitadores. Carpeaux citou Xenofonte como o mais prático deles, mas disse que sua obra com segredos antiditatoriais, os diálogos de Hieron, jamais conseguiu ser decifrada adequadamente. Já agora, a Grécia não é mais a mesma e toda a vida prática adotou um senso burguês, com grandes comerciantes abastados e seus filhos hedonistas, que gastam a vida a tentar "vencer" o pai e, nesse cenário, vivia Menandro, que muito não pôde realizar nessa "comédia nova". Mas Carpeaux atribuiu toda essa precariedade da comédia nova mais à língua grega do que à possíveis falhas de Menandro, visto que os correspondentes latinos da comédia nova conseguiram ser marcantes e permanentes.

Além da comédia nova, a poesia da época Alexandrina também chegou-nos através dos representantes latinos; Carpeaux destacou essa poesia como livresca e erudita, e destacou Calímaco como autor importante para o período, com número significativo de obras conhecidas, tais como elegias, epigramas e hinos. O poema mais conhecido de Calímaco, entretanto, só chegou a nós através da versão latina, produzida por Catulo; Carpeaux comparou Calímaco com Edgar Allan Poe e outros modernos e o colocou antes como um humanista.

E entrando no campo dos humanistas, Carpeaux falou acerca desse humanismo grego, que nunca fora um ideal, como para os modernos, mas uma realidade. Trata a última fase da literatura grega como um romance fantástico, bucólico e de evasão. Entra em cena Teócrito, com suas cenas rústicas e realistas, muito inspiradas na Odisseia. Para Carpeaux, o grego começa a ter contato com a realidade neste período crítico e é aqui, justamente, quando começa a perder a percepção dessa mesma realidade.

Já agora, inicia o romance de aventuras, com Heliodoro; mas, como os gregos perderam a realidade material, o romance de aventuras fora totalmente romanizado. Carpeaux traz o historiógrafo Políbio, primeiro historiógrafo estoico, para nos mostrar que o mundo já não era as pequenas cidades gregas e, portanto, já era possível falar de uma história universal. Dois séculos depois, entra em cena Plutarco, com tudo

aquilo que Políbio não foi, a saber, um grande artista da narração; narra suas biografias como um romancista e é capaz de prender e entusiasmar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transpor a linguagem de Carpeaux para uma linguagem mais acessível não foi tarefa difícil, entretanto, temo ter resumido exacerbadamente tão extensa e detalhada descrição de autores e períodos. Quem eram os autores, o que pensavam, o que faziam, em quem buscavam inspirações, de quem desgostavam e, principalmente, qual foi a marca de cada autor e de cada período. Assim, deixando claro que, para viver um pouco a experiência grega, ao chegarmos em Homero, precisamos revestir-nos de certa solenidade, precisamos encarar a *Ilíada* e a *Odisseia* como uma bíblia, mais do que como uma obra de literatura; isso, evidentemente, se estivermos dispostos a vivenciar a experiência mesma da literatura, de assumir como verdade tudo aquilo que a obra revela-nos como verdadeiro.

Para realizarmos essa experiência onírica, a qual falamos no início, precisamos justamente da ajuda de homens como Carpeaux, que traduziram a experiência e nos ensinam o passo a passo de como devemos fazer para chegar lá. Então, agora somos capazes de usar a *Ilíada* da forma correta e, principalmente, de apresentá-la corretamente aos demais, quando o formos fazer. Carpeaux nos mostrou exatamente o que esperar de cada autor em termos de estilo e posicionamento filosófico. Este é seco e burocrático, aquele é trágico e melancólico, aquele outro é muito apaixonado e eloquente, enquanto este outro perde em eloquência mas narra ricos fatos históricos. Assim, Carpeaux regulou a nossa expectativa e deu-nos certo guia, principalmente quando não estivermos compreendendo a obra ao lê-la. Isto é, saberemos que este é um humanista, mas, principalmente, saberemos o que significa esse humanismo.

É importante salientar também que Carpeaux nos livrou de todos os erros de interpretação, de todas as polêmicas envolvendo alguns autores e suas obras. Como as interpretações dependem do avanço e das novas descobertas, Carpeaux não nos privou de nenhuma delas e trouxe-nos todas para, então, dar-nos a conclusão final, a qual devemos nos ater.

Ao finalizar esse trabalho, teremos um panorama geral e um guia simplificado de como nos chegar às obras gregas, como olhar para elas e o que buscar em cada

uma; Carpeaux trouxe-nos ricas comparações entre gregos e modernos, o que, não só alarga nossos horizontes de conhecimentos, mas também nos adentra com esse olhar crítico de perceber as similaridades, que, provavelmente, passariam despercebidas, se não nos tivessem contado.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Olavo de. Introdução a um exame de consciência. *In*: CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaios reunidos**. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 1999. p. 15-69.

CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaios reunidos**. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 1999. p. 15-69.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

FERNANDES, Ronaldo Costa. História da Literatura Ocidental: a obra monumental de Otto Maria Carpeaux. *In*: CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. p. 20-36.

HAFNER, Clístenes. Instituto cultural Hugo de São Vitor. **Formação Literária e Guia da Gramática da Língua Portuguesa**. Porto Alegre: Instituto Hugo de São Vitor, 2020.

MARROU, Henri Irénée. **História da educação na antiguidade**. São Paulo: E. P. U. Ed. Da universidade de São Paulo, 1973.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia: a formação do homem grego**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PAULA, João Antonio de. Otto Maria Carpeaux. **Ciência Hoje**, 2014. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/otto-maria-carpeaux/>. Acesso em: 12 out. 2023.

SILVA, Eduardo Gomes. O esboço como exercício biográfico ou Otto Maria Carpeaux, biógrafo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 27, p. 340 - 358, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/download/2175180311272019340/10265/53927>. Acesso em: 12 out. 2023.

THEOBALD, P. A História da literatura ocidental de O. M. Carpeaux e a crítica de Wilson Martins. **Letrônica**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. s140-s145, 2018. DOI: 10.15448/1984-4301.2018.s.31337. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/31337>. Acesso em: 12 out. 2023.

VOEGELIN, Eric. **Ordem e história**: o mundo da pólis. São Paulo: Edições Loyola, 2009.